

A substituição do conceito pelo sujeito: genealogia nietzscheana versus dialética socrática

*Ana Carolina da Costa e Fonseca** **

Resumo: O artigo examina a descrição e a crítica nietzscheanas do método dialético socrático, bem como o método de investigação nietzscheano – a genealogia. Nietzsche considera o ser humano um criador de conceitos e de métodos de investigação. Os métodos de investigação, por sua vez, são associados a tipos humanos e a suas formas de relacionamento com a realidade efetiva. A genealogia analisa a vontade de potência que produz os conceitos e a considera como sintoma de um tipo humano. Nietzsche critica o método dialético socrático, principalmente, por ser criação de um tipo humano decadente.

Palavras-chave: Dialética socrática, Genealogia, Métodos de investigação

Abstract: The article discusses Nietzsche's description and criticism of the socratic dialectical method, as well as Nietzsche's method of investigation – the genealogy. Nietzsche considers the human being a creator of concepts and methods of investigation. The methods of investigation are associated with human types and its way of relationship to the effective reality. The genealogy analyses the will to power that produces the concepts and consider it as symptom of one human types. Nietzsche criticizes the Socratic dialectical method, specially, because it is created by a decadent human type.

Keywords: Genealogy, Method of Investigation, Socratic Dialectic

Entende-se método de investigação como o modo pelo qual o ser humano investiga a realidade. Nietzsche critica o método de investigação socrático, a dialética, e utiliza seu próprio método de investigação, a genealogia. O método genealógico classifica os seres

* Doutoranda em Filosofia pela UFRGS, sob orientação do Prof. Dr. Nelson Boeira, bolsista do CNPq, atualmente realiza estágio de doutoramento sob orientação do Prof. Dr. Volker Gerhardt na Humboldt-Universität zu Berlin com bolsa concedida pelo DAAD. *E-mail:* ana.fonseca@ufrgs.br

** O artigo se baseia no segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Três aspectos da crítica de Nietzsche a Sócrates: forma de vida, método de investigação e moralidade”.

humanos em tipos. Os tipos humanos revelam qual realidade é investigada – ou a efetiva, ou outra criada – e como ela é investigada – ou por perguntas sobre conceitos, ou por perguntas sobre os seres humanos que criam conceitos. Desse modo, o método genealógico permite que se analise o conhecimento como criação humana¹ e reinsere o ser humano no centro da investigação filosófica. Discutir sobre a pluralidade dos métodos de investigação filosófica e sobre o significado da filosofia e dos seus métodos para os seres humanos revela por um lado a preocupação nietzscheana com o motivo pelo qual os seres humanos pensam em algo e crêem nesse algo, ou seja, revela a crítica nietzscheana ao valor atribuído a algo ilusório, e, por outro lado, revela como o ser humano se relaciona com a vida. Uma das conseqüências desse tipo de investigação é o rompimento da relação entre moralidade e metafísica. Quando a maneira como se investiga acerca da realidade passa a ser percebida como reveladora de uma necessidade humana e não de algo que deve ser necessariamente de tal modo, o revelado deixa de ser igualmente necessário. De modo que não se pode mais esperar conhecer o que é em si, o que é independentemente do ser humano. Se restar algo que ainda possa ser dito metafísica, deixa de ser algo que se ocupa do ser enquanto ser; bem como a moralidade deixa de ser um conjunto de

¹ De acordo com Foucault em *A verdade e as formas jurídicas*, Nietzsche retira da idéia de conhecimento a característica de algo dado que o homem deve descobrir pela razão. Ao contrário, “o conhecimento foi inventado. Dizer que ele foi inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer que o conhecimento não está inscrito na natureza humana.” (p. 16). “O conhecimento não faz parte da natureza humana.” (p. 17). Dizer que o conhecimento não é algo dado e que não faz parte da natureza humana, significa considerá-lo algo criado pelo homem em decorrência de uma necessidade. Essa necessidade corresponde a “impulsos que nos colocam em posição de ódio, desprezo, ou temor diante de coisas que são ameaçadoras e presunçosas.” (p. 21). Tentar conhecer é tentar dominar o objeto (p. 22). O conhecimento, desse modo, é relacionado com as necessidades de um momento histórico da humanidade. [Utilizam-se quatro pontos, de acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, para distinguir as reticências da interpontuação indicativa da supressão de parte de um trecho citado. In: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, p. VIII, item 14 do prefácio.]

regras de conduta a ser descoberto. Percebe-se, então, que não “existe nada bom, nada sublime, nada ruim em si, mas estados de alma em que aplicamos essas palavras” (A, 210)². Percebe-se que “não existe uma moral absoluta”³ (A, 139). Divide-se o percurso argumentativo do artigo em três partes: 1) a descrição nietzscheana do método dialético socrático; 2) a descrição do próprio método nietzscheano, a genealogia; 3) a crítica de Nietzsche ao método dialético socrático e as consequências dessa crítica para a relação entre metafísica e moralidade.

1. A descrição nietzscheana da dialética socrática

A descrição nietzscheana da dialética socrática pressupõe a existência de um tipo humano que tem como uma das suas características o ser dialético. A partir do modo como o dialético investiga, Nietzsche identifica o que é a dialética. Para Nietzsche, o dialético é “aquele que sabe dar conta de seu saber sob forma de questões e de respostas (então não de maneira mística), ela [a dialética] consiste na formação de conceitos e na sua divisão”⁴, ou seja, a dialética é um método de investigação com o qual se pode conhecer o conteúdo dos conceitos pela sucessão de perguntas e de respostas formuladas ou sobre o conceito, ou sobre o tema investigado.

A dialética investiga conceitos criados pelo próprio dialético. Desse modo, o objeto de investigação da dialética socrática, isto é, os conceitos, origina-se do próprio método de

² No original alemão: „..... es nichts Gutes, nichts Schönes, nichts Erhabenes, nichts Böses an sich giebt, wohl aber Seelenzustände, in denen wir die Dinge ausser und in uns mit solchen Worten belegen.“ (KSA, v. 3, p. 190).

³ No original alemão: „..... es giebt keine absolute Moral.“ (KSA, v. 3, p. 131).

⁴ Livre tradução de: “... le dialecticien est celui qui sait rendre compte de son savoir sous forme de questions et de réponses (donc pas de manière mystique), elle consiste en la formation des concepts et en leur division.” *Introduction à la lecture des dialogues de Platon*, capítulo 2, parágrafo 15. Este texto não faz parte do *Kritische Studienausgabe* organizado por Colli e Montinari, por isso, utiliza-se apenas a tradução francesa.

investigação dialético-socrático. À pergunta “quais são esses conceitos?”, Nietzsche responde: “todos os conceitos”⁵ e lista alguns: “‘Deus’, ‘alma’, ‘virtude’, ‘pecado’, ‘além’, ‘verdade’, ‘vida eterna’”⁶ (EH, Por que sou tão inteligente, 10). Conforme se discute a seguir, o considerar os conceitos como criação humana decorre do próprio método de investigação nietzscheano e já faz parte da crítica de Nietzsche à dialética socrática.

Ressalta-se que o Sócrates de Nietzsche é um tipo ideal, ou, utilizando a terminologia de Nietzsche, um tipo humano. Tipo humano é uma construção teórica com a qual seres humanos e ações são analisados de modo a destacar a principal característica do tipo. O tipo humano Sócrates é inspirado no homem Sócrates, mas não corresponde ao Sócrates histórico. Define-se o tipo humano socrático por oposição ao tipo humano trágico, que o precede historicamente e é caracterizado pelo modo de pensar dual⁷. Neste artigo, não se discute a correspondência entre o Sócrates de Nietzsche e o Sócrates histórico, por ser irrelevante para a filosofia de Nietzsche. A importância da análise de Sócrates por Nietzsche é o revelar um tipo humano decadente.

2. A genealogia nietzscheana

A genealogia é o método de investigação criado por Nietzsche com o qual se investiga sobre a origem dos conceitos pela busca da motivação psicológica da criação de conceitos. Segundo Nehamas, “a genealogia revela de uma só vez estas origens e os mecanismos sobre os quais as idéias em questão atuam para tentar esconder suas

⁵ No original alemão: „..... alle die Begriffe“ (KSA, v. 6, p. 296).

⁶ No original alemão: „..... ‘Gott’, ‘Seele’, ‘Tugend’, ‘Sünde’, ‘Jenseits’, ‘Wahreit’, ‘ewiges Leben’...“ (KSA, v. 6, p. 296).

⁷ Utilizam-se os termos dual e dualidade em dois sentidos. No sentido trágico, ser dual significa ser uma coisa e o seu contrário simultaneamente, por exemplo, Antígona e Creonte, na tragédia *Antígona*, realizam ações que podem ser ditas boas e más ao mesmo tempo. No sentido socrático, as dualidades são incompatíveis, ou seja, ou algo é bom, ou algo é mau, não havendo possibilidade de coexistência entre bondade e maldade na mesma ação.

origens.”⁸ Na genealogia, realiza-se a substituição da pergunta “o que é x?” pela pergunta “quem criou x?”, na qual “x” equivale a um conceito, ou seja, na genealogia o sujeito que investiga acerca de um conceito, e não mais o próprio conceito, passa a ser objeto de investigação. Sendo os conceitos criações humanas que expressam a vontade de seu criador, a resposta à pergunta “quem criou x?” permite que se passe a discutir o que representa determinado conceito para quem o cria e para quem reconhece a possibilidade de sua descoberta.⁹ Desde Sócrates até Nietzsche, o método de investigação socrático parece ter sido substituído por outros métodos de investigação. Contudo, a pergunta principal “o que é x?” permanece. Com Nietzsche, “[a] questão cardinal da *origem dos conceitos* surge.”¹⁰ Perguntar pela origem dos conceitos, para Nietzsche, é perguntar pela origem humana dos conceitos, ou seja, é investigar sobre quem criou os conceitos e por que, e, com isso, explicitar a vontade do seu criador.

Destacam-se dois elementos do modo como Michel Haar e Oswaldo Giacoia Junior se referem ao método genealógico de Nietzsche. Haar enfatiza o caráter de investigação do infinito e ao infinito, em oposição ao método platônico que visa a conhecer um todo finito. O que é passível de ser conhecido não é mais tido como limitado, constante, e por isso não pode mais ser sistematizado. Não há qualquer pretensão de conhecer o em si, o que aparece quando se retira o último véu. Ao contrário, há o reconhecimento de que o último véu jamais é retirado por haver sempre mais um véu. Giacoia

⁸ Livre tradução de: “La généalogie révèle à la fois ces origines et les mécanismes sur lesquels les idées en questions jouent pour tenter de masquer ces origines.” Nehamas, Alexander. *Nietzsche: la vie comme littérature*, p. 50.

⁹ Gilles Deleuze em seu livro *Nietzsche et la philosophie* explica o método de Nietzsche como uma alteração no modo de formular as perguntas, ou seja, como uma substituição da pergunta “qui?” pela pergunta “qu’est-ce qu’il veut...?”, p. 88-90.

¹⁰ Livre tradução de: “La question cardinale de *l’origine des concepts* surgit.” Nietzsche, Friedrich. *Introduction à la lecture des dialogues de Platon*, capítulo 2, parágrafo 7. Todos os grifos nas citações de Nietzsche estão no original.

Junior apresenta a genealogia como o método capaz de questionar os valores e de analisar as interpretações como produções históricas, que, por esse motivo, não têm validade absoluta.¹¹

Enfim, o método crítico descoberto por Nietzsche, a genealogia, que se apresenta como uma arte de decifrar os sintomas infinitamente Este método, que contrariamente ao método platônico (consistente em levar a diversidade sensível à unidade da essência), quer desmascarar, decodificar, mas indefinidamente, ou seja, sem nunca pretender elevar o último véu de qualquer identidade originária, de qualquer fundamento primeiro, manifesta uma profunda repugnância concernente a qualquer sistematização. Hostil à idéia de uma revelação última da verdade, recusando qualquer interpretação única e privilegiada a genealogia é hostil a qualquer codificação de seus próprios resultados.¹²

O procedimento metódico que Nietzsche recorre é também o mais adequado à sua teoria do conhecimento: o procedimento genealógico. Esse consiste em reconstituir as condições de surgimento, transformação, deslocamento de sentido e desenvolvimento dos supremos valores de nossa civilização. À genealogia nietzscheana, como método de investigação, compete desvendar as condições e circunstâncias de surgimento de nossos supremos valores e ideais – portanto imiscuir-se no

¹¹ Nehamas, ao comentar a pluralidade de estilos de Nietzsche, afirma ser o perspectivismo uma das conseqüências desta pluralidade. Perspectivismo significa que “toute idée n’est qu’une interprétation possible parmi bien d’autres”, *Nietzsche: la vie comme littérature*, p. 12. Desse modo, se por um lado, a genealogia permite que se pense as interpretações como tal, por outro lado, o perspectivismo permite que se interprete a mesma idéia de maneiras diferentes.

¹² Livre tradução de: “Enfin, la méthode critique découverte par Nietzsche, la généalogie, qui se présente comme un art de déchiffrer des symptômes à l’infini.... Cette méthode qui, contrairement à la méthode platonicienne (consistant à ramener la diversité sensible à l’unité de l’essence), veut démasquer, décrypter, mais indéfiniment, c’est-à-dire sans jamais prétendre lever le dernier voile sur une quelconque identité originaire, sur un quelconque premier fondement, manifeste une répugnance profonde à l’égard de toute systématisation. Hostile à l’idée d’une révélation ultime de la vérité, refusant toute interprétation unique et privilégiée (...) la généalogie est hostile à toute codification de ses propres résultats.” Haar, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*, p. 21. Nesta citação, Haar contrapõe o método nietzscheano ao método platônico. O método platônico de investigação tem origem no método socrático de investigação, sendo a distinção entre ambos irrelevante neste artigo.

que neles existe de interesses, parcialidade, “imoralidade” –; inclusive e sobretudo naqueles ainda aptos a legitimar pretensões de validade objetiva para juízos e processos cognitivos. Sob o crisol da Genealogia, revela-se todo valor como histórico e culturalmente emergente em configurações de poder – sejam elas de indivíduos, grupos, povos ou civilizações – e, portanto, essencialmente como interpretações.¹³

O tomar o objeto de investigação como algo infinito por que diretamente relacionado com um momento histórico, ou seja, infinito porque sempre novo, faz com que tampouco exista um objeto de investigação em si. O em si não apenas não pode ser descoberto, o em si não existe. Não há uma impossibilidade epistemológica, há uma impossibilidade ontológica. Desaparecendo o antigo objeto de investigação, o próprio sujeito se revela como objeto, sem, contudo, perder seu caráter de sujeito. De modo que, são os seres humanos e não os conceitos por eles criados que são conhecidos.¹⁴ Com isso Nietzsche, um filósofo, aproxima filosofia e psicologia. “Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor...”¹⁵ (EH, Por que escrevo tão bons livros, 5). “Quem, entre os

¹³ Giacóia Júnior, Oswaldo. “Nietzsche: perspectivismo, genealogia, transvaloração”, *Cult*, n. 37, p. 51.

¹⁴ Neste sentido, lê-se em Nietzsche: “*Os motivos em que se crê*. – Por mais importante que seja conhecer os motivos que realmente guiaram a conduta humana até hoje, talvez a *crença* neste ou naquele motivo, isto é, o que a humanidade presumiu e imaginou ser o autêntico motor do seu agir até agora, seja algo ainda mais essencial para o homem do conhecimento. Pois a íntima miséria e felicidade é dada aos homens de acordo com a sua crença nestes ou naqueles motivos – *não* em virtude do que era realmente motivo! Esse último é de interesse secundário.” (GC, 44). No original alemão: “*Die geglaubten Motive*. – So wichtig es sein mag, die Motive zu wissen, nach denen wirklich die Menschheit bisher gehandelt hat: vielleicht ist der *Glaube* an diese oder jene Motive, also Das, was die Menschheit sich selber als die eigentlichen Hebel ihres Thuns bisher untergeschoben und eingebildet hat, etwas noch Wesentlicheres für den Erkennenden. Das innere Glück und Elend der Menschen ist ihnen nämlich je nach ihrem Glauben an diese oder jene Motive zu Theil geworden, – *nicht* aber durch Das, was wirklich Motiv war! Alles diess Letztere hat ein Interesse zweiten Ranges.” (KSA, v. 3, p. 410-411).

¹⁵ No original alemão: “– Dass aus meinen Schriften ein *Psychologe* redet, der nicht seines Gleichen hat, das ist vielleicht die erste Einsicht, zu der ein guter Leser gelangt...” (KSA, v. 6, p. 305).

filósofos, foi antes de mim *psicólogo*, e não o seu oposto ‘superior embusteiro’, ‘idealista’? Antes de mim não havia absolutamente psicologia.”¹⁶ (EH, Por que sou um destino, 6). Ao tomar filosofia como psicologia, ao olhar para a história da filosofia como um psicólogo, Nietzsche dialoga de um modo diferente com o passado. Nesse diálogo, os filósofos que o precederam fazem constantemente confissões de cunho pessoal.

Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas; e também se tornou claro que as intenções morais (ou imorais) de toda filosofia constituíram sempre o germe a partir do qual cresceu a planta inteira.¹⁷ (BM, 6)

Uma confissão pessoal revela não como a realidade é verdadeiramente, mas como o autor a vê, ou como ele precisa vê-la. Ao publicar impressões sobre a realidade com a pretensão de estar explicando definitivamente a realidade, os filósofos mostram como se relacionam com a realidade efetiva e como a interpretam. A aproximação realizada por Nietzsche entre filosofia e psicologia evidentemente não o descaracteriza como filósofo, apenas apresenta um dos pontos em que ele difere dos outros pensadores: o seu método de investigação, que é conduzido pela pergunta “quem necessita pensar assim?”¹⁸ E nisso Nietzsche reconhece sua

¹⁶ No original alemão: “Wer war überhaupt vor mir unter den Philosophen *Psycholog* und nicht vielmehr dessen Gegensatz ‘höherer Schwindler’, ‘Idealist’? Es gab vor mir noch gar keine Psychologie.” (KSA, v. 6, p. 371).

¹⁷ No original alemão: “Allmählich hat sich mir herausgestellt, was jede grosse Philosophie bisher war: nämlich das Selbstbekenntnis ihres Urhebers und eine Art ungewollter und unvermerkter mémoires; insgleichen, dass die moralischen (oder unmoralischen) Absichten in jeder Philosophie den eigentlichen Lebenskeim ausmachen, aus dem jedesmal die ganze Pflanze gewachsen ist.” (KSA, v. 5, p. 19-20).

¹⁸ Neste sentido, Alexander Nehamas afirma que “[l]es plus grandes manifestations de la volonté de puissance, pour employer le terme de Nietzsche, se trouvent dans les plus grandes réalisations intellectuelles, dans le domaine des arts et oeuvres d’art, les théories scientifiques, les idées religieuses, les systèmes moraux, politiques et philosophiques expriment et exposent la vision ou l’interprétation du

originalidade. “– Por que sei algo *mais*? Por que sou enfim tão inteligente? Nunca refleti sobre problemas que não o são – não me desperdicei.”¹⁹ (EH, Por que sou tão inteligente, 1). Os “problemas que não o são” compõem-se dos problemas inventados pelos seres humanos como, por exemplo, o problema de definir o que é o ser. Nietzsche não pretende resolver problemas que não existem, pois isso seria um desperdício. Entre os problemas que existem está o da relação do ser humano com sua vontade. “O que a humanidade até agora considerou seriamente não são sequer realidades, apenas construções...”²⁰ (EH, Por que sou tão inteligente, 10). Mas as construções, ou criações, não valem nem mais, nem menos por serem construções, apenas devem ser consideradas, desse modo, isto é, como algo criado pela vontade humana e não como algo dado.

2.1. Vontade de potência e genealogia

O que distingue os tipos humanos são as vontades que predominam em cada um. Vontade “é uma pluralidade de instintos, de pulsões, em luta incessante pela preponderância”.²¹ A vontade de potência é um composto de vontade e de potência. É vontade, conforme dito acima, e potência no sentido de desejar ser algo que pode ser,

monde d’un individu particulier, les valeurs et les préférences à travers lesquelles cet individu parvient le mieux à vivre et à s’épanouir. Les plus grands arrivent à faire de leurs visions et de leurs préférences *le monde à l’intérieur* duquel et *les valeurs* à travers lesquelles d’autres gens en viennent à vivre leur vie, sans douter souvent que ceux-ci ne sont pas des faits donnés mais les produits ou les interprétations de quelqu’un d’autre.” Nehamas, Alexander. *Nietzsche: la vie comme littérature*, p. 44. Não se discute neste artigo sobre o conduzir-se da maioria de acordo com valores impostos por alguns.

¹⁹ No original alemão: “– Warum ich Einiges *mehr* weiss? Warum ich überhaupt so klug bin? Ich habe nie über Fragen nachgedacht, die keine sind, – ich habe mich nicht verschwendet.” (KSA, v. 6, p. 278).

²⁰ No original alemão: “Das, was die Menschheit bisher ernsthaft erwogen hat, sind nicht einmal Realitäten, blosse Einbildungen...” (KSA, v. 6, p. 295-296).

²¹ Livre tradução de: “... ‘volonté’ est une pluralité d’instincts, de pulsions, en lutte incessante pour la prépondérance”. HAAR, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*, p. 25.

sabendo que pode ser. “A vontade que é vontade de potência responde originariamente a seu imperativo interno: *ser mais*.”²²

Toda força, toda energia, qualquer que ela seja, é vontade de potência, no mundo orgânico (pulsões, instintos, necessidades), no mundo psicológico e moral (desejos, motivações, ideais) e no mundo inorgânico ele mesmo, na medida em que “a vida não é mais que um caso particular de vontade de potência”.²³

Há duas atitudes possíveis em relação à vida, a afirmação e a negação. A cada uma dessas atitudes corresponde um tipo humano. A cada tipo humano – afirmador ou negador da vida – corresponde uma vontade de potência. “Aparecem desde a origem, no seio da vontade de potência, dois tipos de força ou de vida: *a força ativa e a força reativa, a vida ascendente e a vida decadente*.”²⁴ A cada um destes tipos de força ou de vida correspondem tipos humanos. Os tipos de vontade de potência têm tipos distintos de força, ou de vida, desde a sua origem, que também podem ser ditos ou fortes, ou fracos.

Forte será a vontade capaz de harmonizar suas próprias forças, nelas mesmas divergentes, de dominar seu constante desenvolvimento.

²² Livre tradução de: “La volonté qui est Volonté de Puissance répond originariamente à son impératif interne: *être plus*” (está grifado no original). Haar, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*, p. 27.

²³ Livre tradução de: “Toute force, toute énergie, quelle qu’elle soit, est Volonté de Puissance, dans le monde organique (pulsions, instincts, besoins), dans le monde psychologique et moral (désirs, motivations, idéaux) et dans le monde inorganique lui-même, dans la mesure où ‘la vie n’est qu’un cas particulier de la Volonté de Puissance’.” Haar, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*, p. 27. A frase escrita entre aspas é referida por Haar como sendo o parágrafo 692, de *Wille zur Macht*, Kröners Taschenausgabe, Alfred Kröner Stuttgart, 1956.

²⁴ Livre tradução de: “apparaissent dès l’origine, au sein de la Volonté de Puissance, deux types de force ou de vie: *la force active et la force réactive, la vie ascendente et la vie decadente*” (está grifado no original). Haar, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*, p. 27.

Fraca será, ao contrário, a vontade incapaz de suportar esta tarefa e que procurará uma solução na eliminação ou na rejeição de certas forças.²⁵

A vontade de potência como “indeterminação primordial” corresponde ao caos.²⁶ Vontades fracas caracterizam tipos humanos negadores da vida. Vontades fortes caracterizam tipos humanos afirmadores da vida. O método genealógico revela o tipo de vontade de potência, e desse modo, seu tipo humano correspondente. Os sintomas são manifestações externas da vontade de potência que permitem identificar qual tipo humano predomina.

2.2. A vontade como um sintoma

A maneira de trabalhar com filosofia, ou de filosofar, é tomada por Nietzsche como um sintoma. O que fizeram os filósofos que o precederam passa a ser objeto de investigação. Nietzsche não discute sobre o conteúdo dos conceitos, mas sobre o discutir sobre o conteúdo dos conceitos, e o método genealógico é o modo de realizar essa investigação, que consiste em perceber o tipo de vontade a partir dos sintomas apresentados.

O método consiste no seguinte: relacionar um conceito à vontade de potência, para localizar o sintoma de uma vontade sem a qual ele não poderia sequer ser pensado (nem o sentimento experimentado, nem a ação empreendida). O que uma vontade quer, eis o conteúdo latente da coisa correspondente.²⁷

²⁵ Livre tradução de: “Forte sera la volonté capable d’harmoniser ses propres forces, en elles-mêmes divergentes, de dominer leur constant développement. Faible sera au contraire la volonté incapable de supporter cette tâche et qui cherchera une solution dans l’élimination ou le refoulement de certaines forces.” Haar, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*, p. 28-29.

²⁶ Conforme Michel Haar em *Nietzsche et la métaphysique*, p. 28.

²⁷ Livre tradução de: “La méthode consiste en ceci: rapporter un concept à la volonté de puissance, pour en faire le symptôme d’une volonté sans laquelle il ne pourrait même pas être pensée (ni le sentiment éprouvé, ni l’action entreprise). Ce que veut une volonté, voilà le contenu latent de la chose correspondante.” Deleuze, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*, p. 89.

Ao ler as obras de filosofia como uma descrição que um filósofo apresenta de si mesmo, e não do mundo, Nietzsche identifica o tipo humano de quem as escreveu. Os tipos humanos se distinguem pelo modo como agem e pelo que necessitam. Por isso, Nietzsche compara o seu investigar filosófico ao trabalho de um médico. O médico pergunta ao paciente o que ele sente, quando sente, ou seja, realiza uma anamnese para identificar qual doença o acometeu. Os pacientes de Nietzsche são filósofos que independente de sua vontade são analisados. As respostas de uma anamnese imaginária estão dadas nas obras destes filósofos e no modo como agiram no mundo. O modo de pensar e de agir são os sintomas que permitem a Nietzsche identificar o tipo humano a que correspondem.²⁸

Dannhauser é mais radical na sua avaliação da função do filósofo como um médico ao defender que a própria existência de filósofos já é sintoma de uma sociedade doente, ou seja, a sociedade só precisa produzir quem a cure se antes ela produziu sua própria doença. Ao comentar as *Considerações Intempestivas*, afirma que “Nietzsche atua como ‘o médico da cultura’ que diagnostica as doenças do seu tempo e procura uma cura”²⁹. Um pouco antes afirma que em *O nascimento da tragédia* e em outros escritos deste período, “de acordo com Nietzsche, o filósofo não afeta apenas a cultura de seu tempo; ele também a reflete. Uma cultura doente produzirá uma filosofia doente que aumenta a doença da cultura.... Uma cultura saudável não terá filosofia para falar sobre....”³⁰

²⁸ Ressalta-se que, se no trato médico, uma doença corresponde a algo negativo, para Nietzsche os tipos humanos não correspondem a formas necessariamente corrompidas.

²⁹ Livre tradução de: “Nietzsche acts as ‘the physician of culture’ who diagnoses the ills of his time and searches for a cure.” Dannhauser, Werner. *Nietzsche’s view of Socrates*, p. 140.

³⁰ Livre tradução de: “According to Nietzsche, the philosopher not only affects the culture of his time; he also reflect it. A sick culture may produce sick philosophy that increases the sicknes of the culture A healthy culture may have no philosophy at all to speak of....” Dannhauser, Werner. *Nietzsche’s view of Socrates*, p. 129-130. Em *O livro do filósofo*, no texto de 1873 intitulado *O filósofo como*

Resumindo, o método genealógico indaga sobre a motivação para idéias e ações. Os motivos têm como origem a vontade humana e são analisados como sintomas. A análise permite a identificação de grupos com vontades semelhantes e de sintomas que correspondem a esses grupos. O nome dado por Nietzsche a esses grupos é tipo, por serem grupos humanos, tipos humanos. A tipologia nietzscheana analisa as idéias e as ações humanas e as classifica de acordo com o juízo de valor que fazem sobre a vida. O critério de julgamento para determinar o tipo humano é a vida. O lugar em que tem sentido discutir esta tipologia, é o lugar em que se vive, ou seja, a realidade efetiva.

Apresentadas a descrição nietzscheana da dialética socrática e a descrição da genealogia nietzscheana, passa-se à crítica de Nietzsche ao método dialético socrático.

3. A crítica de Nietzsche ao método socrático de investigação

A crítica de Nietzsche ao método de Sócrates parte da seguinte questão: “Quanta verdade *suporta*, quanta verdade *ousa* um espírito? Cada vez mais tornou-se isto para mim a verdadeira medida de valor.”³¹ (EH, prólogo, 3). A dialética, especialmente a dialética socrática, não suporta a verdade, ela cria a verdade. Por isso, “vejo [eu, Nietzsche] a dialética como sintoma de *décadence*, por exemplo no mais famoso dos casos: o caso de Sócrates.”³² (EH,

médico da civilização, Nietzsche afirma ser a medicina necessária porque há doenças, se não existissem doenças não haveria nenhum ramo do conhecimento que as estudasse, não haveria conseqüentemente os que aplicam praticamente este conhecimento, ou seja, os médicos. Do mesmo modo, apenas quando uma civilização tem alguma doença ela precisa de filósofos como médicos. Seguir nessa discussão, porém, implica discutir sobre a função da filosofia em uma sociedade, o que não se faz neste artigo.

³¹ No original alemão: “Wie viel Wahrheit *erträgt*, wie viel Wahrheit *wagt* ein Geist? das wurde für mich immer mehr der eigentliche Werthmesser.” (KSA, v. 6, p. 259).

³² No original alemão: “Meine Leser wissen vielleicht, in wie fern ich Dialektik als *Décadence-Sympton* betrachte, zum Beispiel im allerberühmtesten Fall: im Fall des Sokrates.” (KSA, v. 6, p. 265).

Por que sou tão sábio, 1). Destacam-se dois pontos: a suportabilidade da verdade e a decadência de Sócrates. Nietzsche não afirma não haver uma verdade, tampouco não haver critérios de avaliação do que os seres humanos fazem. Nietzsche avalia diferentemente o que é a verdade, bem como as ações humanas.³³

A verdade é um dos critérios para identificar um tipo humano. Verdade neste sentido não se refere a uma crença inquestionável, mas ao que é considerado verdadeiro por alguém, ou seja, ao que se crê ser verdadeiro. “Para estimar o que vale um tipo de ser humano³⁴ é preciso calcular o preço de sua conservação – é preciso conhecer as condições para a sua existência. A condição da existência dos bons é a *mentira*.”³⁵ (EH, Por que sou um destino, 4). Mentira não significa apenas um engano deliberado, mas também uma ilusão dos sentidos. Verdade não significa apenas uma afirmação com validade universal, mas também o que é considerado verdadeiro por alguém. Por este critério, o grau de mentira necessário para sobreviver e o quanto de verdade é suportável indicam quão decadente é o tipo. A verdade anunciada por Nietzsche é insuportável para muitos. “[A] verdade fala em mim. – Mas a minha verdade é *terrível*: pois até agora chamou-se à mentira verdade. Eu fui o primeiro a *descobrir* a verdade, ao sentir por inteiro a mentira como mentira....”³⁶ (EH, Por que sou um destino,

³³ A referência a Sócrates não indica a data do início da decadência, mas o que de exemplar aconteceu no pensamento grego que acarreta o enfraquecer.

³⁴ Altera-se a tradução de Paulo César de Souza que usualmente traduz *Mensch* por homem e não por ser humano.

³⁵ No original alemão: “Um abzuschätzen, was ein Typus Mensch werth ist, muss man den Preis nachrechnen, den seine Erhaltung kostet, – muss man seine Existenzbedingungen kennen. Die Existenz-Bedingung der Guten ist die *Lüge*....” (KSA, v. 6, p. 368).

³⁶ No original alemão: “.... redet aus mir die Wahrheit. – Aber meine Wahrheit ist *fuchbar*: denn man hiess bisher die *Lüge* Wahrheit. (...) Ich erst habe die Wahrheit *entdeckt*, dadurch dass ich zuerst die *Lüge* als *Lüge* empfand....” (KSA, v. 6, p. 365-366).

1).³⁷ Entre as verdades descobertas por Nietzsche está o ser mentira das pretensas verdades filosóficas que tomam a razão como meio necessário e suficiente para resolver os problemas criados pela própria razão e, após a criação, toma-os como se fossem problemas que existissem desde sempre. A crítica à dialética socrática e o ser Sócrates o primeiro decadente decorre de ser ele o primeiro a apresentar a razão como a salvadora de dois problemas: o que se pode conhecer e como se pode conhecer. A maneira de conhecer socrática baseia-se apenas na razão, elimina o conhecimento instintivo e toma a razão como a estabelecadora dos critérios racionais – e dizer isso não é ser redundante, pois é a própria razão que estabelece este tipo de critério e o chama de racional – com os quais é possível descobrir a verdade, ou seja, a avaliação das verdades obtidas pela racionalidade baseia-se em critérios que só a própria razão pode cumprir.

Dei a entender o que fez com que Sócrates exercesse fascínio: ele parecia ser um médico, um salvador. Faz-se ainda necessário indicar o erro que repousava em sua crença na “racionalidade a qualquer preço”? – Imaginar a possibilidade de escapar da *décadence* através do estabelecimento de uma guerra contra ela é já um modo de iludir a si mesmo criado pelos filósofos moralistas. O escape está além de suas forças: o que eles escolhem como meio, como salvação, não é senão uma nova expressão da *décadence*. Eles transformam sua expressão, mas não a eliminam propriamente. Sócrates foi um mal-entendido. A luz diurna mais cintilante, a racionalidade a qualquer preço, a vida luminosa, fria, precavida, consciente, sem instinto, em contraposição aos instintos não se mostrou efetivamente senão como uma doença, uma outra doença. – Ela

³⁷ Ressalta-se que ao Nietzsche falar em “sua verdade” ele não está afirmando que cada um possa ter sua verdade e que desse modo não há mais critério do que é verdadeiro e do que é falso e, portanto, a filosofia de Nietzsche eliminaria o conceito de verdadeiro, apesar de ainda restar a tola afirmação de que esta seria a única verdade da sua filosofia (a verdade de que não há verdade). A crítica de que Nietzsche defende verdades pessoais e sem critérios de avaliação é crítica igualmente tola. A “sua verdade” da qual Nietzsche fala é a verdade que ele revela em sua obra, a verdade que os filósofos que o antecederam jogaram para baixo do tapete como quem quer eliminar o que incomoda sem saber, de fato, aonde colocá-lo. A verdade de Nietzsche é a verdade que ele revela, não sua verdade pessoal.

não concretizou de forma nenhuma um retorno à “virtude”, à “saúde”, à felicidade... Os instintos precisam ser combatidos – esta é a fórmula da *décadence*. Enquanto a vida está em ascensão, a felicidade é igual aos instintos.³⁸ (CI, *O problema de Sócrates*, 11)

Nietzsche percebe estes artifícios racionais como criação de um espírito decadente, que busca argumentos racionais, “razões que buscam posteriormente”, para mascarar uma inspiração e apresentá-la como dedução de modo a esconder a origem inspirada de seu pensar, “à diferença dos místicos de toda espécie, que são mais honestos e toscos – falam de ‘inspiração’”, “eles [os filósofos] são todos advogados que não querem ser chamados assim, e na maioria defensores manhosos de seus preconceitos, que batizam de ‘verdade’”³⁹ (BM, 5). O tipo decadente utiliza a razão e “racionalmente” desvaloriza o que não lhe é suportável. Esse processo de se auto-enganar é um dos principais alvos da crítica de Nietzsche, e Sócrates é identificado como o instaurador do novo método de investigação, a dialética, que fundamenta este processo.

Nietzsche critica a dialética socrática porque ela foi criada por um tipo humano decadente. A dialética socrática e a decadência

³⁸ No original alemão: “Ich habe zu verstehn gegeben, womit Sokrates fascinierte: er schien ein Arzt, ein Heiland zu sein. Ist es nöthig, noch den Irrthum aufzuzeigen, der in seinem Glauben an die ‘Vernünftigkeit um jedem Preis’ lag? – Es ist ein Selbstbetrug seitens der Philosophen und Moralisten, damit schon aus der *décadence* hervorzutreten, dass sie gegen dieselbe Krieg machen. Das Heraustreten steht ausserhalb ihrer Kraft: was sie als Mittel, als Rettung wählen, ist selbst nur wieder ein Ausdruck der *décadence* – sie *verändern* deren Ausdruck, sie schaffen sie selbst nicht weg. Sokrates war ein Missverständniss Das grellste Tageslicht, die Vernünftigkeit um jeden Preis, das Leben hell, kalt, vorsichtig, bewusst, ohne Instinkt, im Widerstand gegen Instinkte war selbst nur eine Krankheit, eine andre Krankheit – und durchaus kein Rückweg zur ‘Tugend’, zur ‘Gesundheit’, zum Glück... Die Instinkte bekämpfen *müssen* – das ist die Formel für *décadence*: so lange das Leben *aufsteigt*, ist Glück gleich Instinkt. –” (KSA, v. 6, p. 72-73).

³⁹ No original alemão: “... zum Unterschiede von den Mystikern jeden Rangs, die ehrlicher als sie und töpelfhafter sind – diese reden von ‘Inspiration’....” “sie sind allesammt Advokaten, welche es nicht heissen wollen, und zwar zumeist sogar verschmutzte Fürsprecher ihrer Vorurtheile, die sie ‘Wahrheiten’ taufen....” (KSA, v. 5, p. 19).

do espírito grego têm, segundo Nietzsche, íntima relação. Pode-se questionar se o grego decadente tornou-se dialético, ou se, porque se tornou dialético, seu espírito enfraqueceu. Em ambos os casos, o sintoma da decadência está na pretensão de justificar atos, na necessidade de oferecer razões.

Com Sócrates, o paladar grego transforma-se em favor da dialética: o que acontece aí propriamente? Acima de tudo é um gosto nobre que cai por terra. A plebe ascende com a dialética. Antes de Sócrates, recusavam-se as maneiras dialéticas na boa sociedade: elas valiam como más maneiras, elas eram comprometedoras. Se advertia a juventude contra elas. Também se desconfiava de todo aquele que apresentava suas razões de um tal modo. As coisas honestas, tal como as pessoas honestas, não servem suas razões assim com as mãos. É indecoroso mostrar os cinco dedos. O que precisa ser inicialmente provado tem pouco valor. Onde quer que a autoridade ainda pertença aos bons costumes, onde quer que não se “fundamente”, mas sim ordene, o dialético aparece como uma espécie de palhaço: ri-se dele, mas não se o leva a sério. – Sócrates foi o palhaço que se fez levar a sério: o que aconteceu aí propriamente?⁴⁰ (CI, *O problema de Sócrates*, 5)

Com Sócrates inicia uma mudança significativa no modo de pensar da humanidade. A partir de Sócrates o ser humano se torna decadente. Contudo, Nietzsche não afirma que Sócrates torna a humanidade decadente. Nietzsche considera Sócrates um sintoma da

⁴⁰ No original alemão: “Mit Sokrates schlägt der griechische Geschmack zu Gunsten der Dialektik um: was geschieht da eigentlich? Vor Allem wird damit ein *vornehmer* Geschmack besiegt; der Pöbel kommt mit der Dialektik obenauf. Vor Sokrates lehnte man in der guten Gesellschaft die dialektischen Manieren ab: sie galten als schlechte Manieren, sie stellten bloss. Man warnte die Jugend vor ihnen. Auch misstraute man allem solchen Präsentiren seiner Gründe. Honnette Dinge tragen, wie honnette Menschen, ihre Gründe nicht so in der Hand. Es ist unanständig, alle fünf Finger zeigen. Was sich erst beweisen lassen muss, ist wenig werth. Überall, wo noch die Autorität zur guten Sitte gehört, wo man nicht ‘begründet’, sondern befiehlt, ist der Dialektiker eine Art Hanswurst: man lacht über ihn, man nimmt ihn nicht ernst. – Sokrates war der Hanswurst, der sich *ernst nehmen machte*: was geschah da eigentlich? –” (KSA, v. 6, p. 69-70).

decadência⁴¹ e o método de investigação socrático, caracterizado pela necessidade de oferecer razões, revela um tipo humano enfraquecido.

Ao criticar o tipo humano socrático e mostrar o que há de decadente nele, Nietzsche critica as crenças que compartilham os seres humanos que pertencem a este tipo. Uma dessas crenças é a crença na moralidade, iniciada com o pensamento socrático e que tem sua fundamentação metafísica desenvolvida por Platão. A etapa seguinte da discussão acerca da crítica de Nietzsche a Sócrates tem como ponto fundamental a crítica à moralidade socrática, decorrente do método de investigação desenvolvido e utilizado por Sócrates. Ao pretender pensar dialeticamente conceitos como “bom”, “justo”, Sócrates funda a crença em uma moralidade que pode ser conhecida pela razão e com isso inicia uma parte importante do que se faz em filosofia.

Referências bibliográficas

- DANNHAUSER, Werner J. *Nietzsche's view of Socrates*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1974.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1998. [Trad. port. *Nietzsche e a filosofia* Tradução por António M. Magalhães. Lisboa: Rés, s.d.]
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução por Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. “Nietzsche: perspectivismo, genealogia, transvaloração”. *Cult: revista brasileira de literatura*. n. 37, ano 4, agosto/2000, p. 46-51.
- HAAR, Michel. *Nietzsche et la métaphysique*. Paris: Gallimard, s.d.

⁴¹ Conforme Werner Dannhauser, “I do not mean to suggest that according to Nietzsche Socrates is the sole cause for the decline of Greece. At times Nietzsche thinks of Socrates as the symptom rather than the cause of Greek decline.” *Nietzsche's view of Socrates*, p. 138-139.

- HOUAISS, Antônio; DE SALLES VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche: la vie comme littérature*. Tradução por Véronique Géghain. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Kritische Studienausgabe*. Organizado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: de Gruyter, 1999. 15 v.
- _____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução por Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Homero y la filología clásica*. Tradução por Luis Jiménez Moreno. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.
- _____. *Introduction à la lecture des dialogues de Platon*. Tradução e apresentação por Olivier Berrichon-Sedeyn. Paris: Édition de l'éclat, 1998.
- _____. *La naissance de la tragédie. Fragments posthumes. Le drame musical grec. Socrate et la tragédie. La vision dionysiaque du monde. Crépuscule des idoles: "ce que je dois aux anciens". Ecce homo: "Naissance de la tragédie"*. Tradução por Michel Haar, Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy. Paris: Folio, 1994.

_____. *O livro do filósofo*. Tradução por Ana Lobo. Porto: RÉS, s.d.

_____. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio por J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.